Visita XXIV

> **Epígrafe.** «Humilhou-se a si mesmo» (Fl 2, 8)

Por desprezado que seja ao nascer, o menino pobre, ao tornar-se homem, faz-se, senão respeitar, ao menos prestar certas atenções devidas à idade, à força, às qualidades mais ou menos preciosas da alma e do corpo. Nascido na humilhação, o Menino de Belém vive e morre na humilhação. Fugir para o Egito para salvar a vida: humilhação. Morar num país idólatra e ver prestar aos demônios as honras divinas que só a ele são devidas: humilhação. Ser pobre, estrangeiro, desconhecido, e exposto a todas as consequências dessa tripla qualidade: humilhação, e humilhação cuja profundidade e extensão o nosso espírito não pode medir.

Humilhado no Egito, o Menino do presépio não o é muito menos na Palestina. Durante trinta anos vive numa oficina, considerado por todos como filho de um pobre operário, fazendo ele mesmo o ofício de simples aprendiz, pobremente vestido, pobremente alimentado, desconhecido e desprezado. *«A sagrada Família»*, diz são Pedro Crisólogo, *«não tinha nem servo nem serva: os senhores eram os seus próprios criados.»*[1] Um só criado havia na casa: era o Filho de Deus. Ó minha alma! vês o Verbo eterno, o Criador do mundo, tornado Filho do homem, isto é, de Maria, para fazer-se humilde servo e, como tal, obedecer a um homem e a uma mulher, *et erat subditus illis*?[2]

Durante trinta anos, o Menino de Belém bebe a longos sorvos no cálice da humilhação, e não o esgotou, *fæx ejus non est exinanita*. À medida que avança em sua carreira, parece mesmo que esse cálice se torna mais fundo e sua borra mais amarga. Chegou o tempo em que o Salvador deve aparecer em público e ensinar as celestes doutrinas que veio trazer ao mundo. Fazer-se conhecer pelo que é, verdadeiro Filho de Deus e Deus ele mesmo, é o seu primeiro dever. Mas, ó Deus! quantos houve que o reconheceram por tal e o honraram como merecia? Salvo alguns discípulos, fiéis companheiros de sua vida, todos, em vez de honrá-lo, o desprezam como um homem de nada e um impostor.

É então que se cumpre em toda a sua extensão a profecia do santo Ancião: É estabelecido como um sinal de contradição.[3] O Menino de Belém foi contradito e desprezado em tudo. Desprezado em sua doutrina. Anuncia que é o Filho único de Deus, e é tratado de blasfemo e, como tal, julgado digno de morte: *«Disse-se Filho de Deus»*, clamava o ímpio Caifás; *«merece a morte.»*[4]

Desprezado em sua sabedoria. Tratam-no de louco, que só pode ter por ouvintes loucos.[5] Desprezado em sua vida. Ousam chamá-lo homem de crápula, beberrão, amigo de tudo o que há de mais desacreditado.[6] Fazem-no passar por feiticeiro que tem comércio com os demônios.[7] Censuram-no de ser herege, possesso, sedutor que arrasta o povo pela via do erro e da revolta.[8]

Em suma, o Salvador, graças às calúnias de seus inimigos, passou aos olhos do público por um homem tão celerado que nem era preciso processo para condená-lo à morte mais cruel e mais ignominiosa. Tal é, em termos próprios, a linguagem dos Judeus a Pilatos: *«Se este não fóra malfeitor, não to entregáramos nós.»*[9]

O Menino de Belém chega ao fim de sua vida. Ó vós todos que passais por esta terra, vede se há humilhação comparável à sua! É traído e vendido por um de seus apóstolos por trinta dinheiros, preço inferior ao de um animal; é renegado por outro, abandonado de todos, *omnes, relicto eo, fugerunt*. É arrastado pelas ruas de Jerusalém, atado como insigne malfeitor. Tratam-no como escravo, infligindo-lhe o suplício da flagelação. Um criado lhe dá uma bofetada em pleno tribunal; outros, diante de todo o mundo.

Herodes o toma por louco e lhe manda pôr a veste dos loucos, para que todo o povo zombe dele. Os soldados o transformam em rei de teatro. Em suas mãos divinas, que fizeram o céu e a terra, põem um caniço à guisa de cetro; sobre seus ombros, um trapo vermelho à guisa de manto real, e sobre sua cabeça, à guisa de coroa, um feixe de espinhos. Para acrescentar à humilhação, proclamam-no Rei dos Judeus. Pondo um joelho em terra: Salve, dizem-lhe, Rei dos Judeus, *Ave, Rex Judæorum*. Ao mesmo tempo cospem-lhe no rosto e lhe dão bofetadas.[10]

Enfim, como última humilhação, o Filho de Deus quer morrer; mas de que morte? Da morte mais ignominiosa, a morte da cruz. *«Humilhou-se a si mesmo feito obediente até á morte de cruz»*, diz-nos o Apóstolo.[11] Naquele tempo, o homem que morria na cruz era considerado o mais vil e o último dos celerados. Por isso o nome dos crucificados permanecia para sempre maldito e infame. [12] *«Assim»*, continua são Paulo,

> *ao escolher a morte da cruz, Nosso Senhor quis ser objeto de maldição, a fim de nos salvar da maldição eterna.*[13]

«Mas, Senhor», exclama são Tomás de Vilanova,

> *onde está a vossa majestade? Que cuidado tendes de vossa glória? Não o pergunteis,*

continua o santo;

> *não procureis no Verbo encarnado nem a majestade nem a glória. Conduzido por seu amor, veio dar ao mundo o exemplo da humildade, e o amor lhe fez esquecer o que devia a si mesmo.*[14]

Os pagãos contam que o deus Hércules, por amor ao rei Áugias, se fez governador de seus cavalos; que o deus Apolo, por amor ao rei Admeto, se fez guardador de seu rebanho: fábulas, tudo isso. Mas é de fé que Nosso Senhor Jesus Cristo, verdadeiro Filho de Deus e Deus como seu Pai, humilhou-se por amor do homem até nascer num estábulo, até fazer-se o purificador de nossas imundícies e o pastor de nossas almas, até viver no desprezo e morrer num infame patíbulo. Sim, tudo isso é de fé.

«Ó bondade! ó força do amor divino!», exclama são Bernardo.

> *Eis que assim o mais sublime de todos, o sublime por excelência, se tornou o último de todos. Quem fez isso: quis fecit? O amor, esquecido de todas as atenções e de todos os direitos: fecit amor; o amor triunfador do próprio Deus; o amor que nenhum cuidado tem da dignidade, quando se trata de obter a afeição do objeto amado. Deus, que não pode ser vencido por ninguém, foi vencido pelo amor. O amor o fez descer do céu; reduziu-o a fazer-se homem, a fazer-se menino; reduziu-o a levar uma vida de privações e desprezos; reduziu-o, enfim, a imolar-se pelo homem num mar de dores e opróbrios. Orgulhoso de seu triunfo, o amor nos grita a todos: Aniquilei o próprio Deus, para que saibais que posso preencher o imenso espaço que separa o Criador da criatura, e abaixar as alturas dos céus ao nível da terra.*[15]

Ó bondade! Ó força do amor divino!

Pequena coroa: Divino Menino Jesus, que para a salvação do mundo quisestes nascer num estábulo e ser deitado numa manjedoura, sobre um pouco de palha: tende piedade de mim.

Maria e José, rogai ao Menino Jesus por mim.

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo: como era no princípio, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

Jaculatória: Amemos o Menino de Belém, *amemus Puerum de Bethléem*.

Propósito: Examinar se sou humilde em meus pensamentos.

Notas

[1] *Joseph et Maria non habent famulum, non ancillam: ipsi domini et famuli.* «José e Maria não têm servo nem serva: eles mesmos são senhores e servos.»

[2] Lc 2, 51.

[3] *In signum cui contradicetur.* «Para ser o alvo, a que atire a contradicção.» (Lc 2, 34.)

[4] *Blasphemavit, reus est mortis.* «Blasfemou […] He réo de morte.» (Mt 26, 65-66.)

[5] *Insanit, quid eum auditis?* «Perdeo o juízo: porque o estais vós ouvindo?» (Jo 10, 20.)

[6] *Ecce homo devorator, bibens vinum, amicus publicanorum et peccatorum.* «Vejão o homem glotão, e amigo de vinho, que acompanha com publicanos, e peccadores.» (Lc 7, 34.)

[7] *In principe dæmoniorum ejicit dæmonia.* «Elle em virtude do principe dos demonios lança fóra os demonios.» (Mt 9, 34.)

[8] *Nonne bene dicimus nos quia Samaritanus es tu et dæmonium habes?* «Não dizemos nós bem, que tu és hum Samaritano, e que tens demonio?» (Jo 8, 48.) — *Quia seductor ille dixit*, etc. (Mt 27, 63.)

[9] *Si non esset hic malefactor, non tibi tradidissemus eum.* (Jo 18, 30.)

[10] *Et expuentes in eum.* «E cuspido n'elle.» (Mt 27, 30.) — *Et dabant ei alapas.* «E davão-lhe bofetadas.» (Jo 19, 3.)

[11] *Humiliavit semetipsum factus obediens usque ad mortem, mortem autem crucis.* (Fl 2, 8.)

[12] *Maledictus omnis qui pendet in ligno.* «Maldito todo aquelle, que he pendurado no lenho.» (Gl 3, 13.)

[13] *Christus factus est pro nobis maledictum.* «Christo nos remio da maldição da lei, feito elle mesmo maldição por nós.» (Gl 3, 13.)

[14] *Ubi est, Deus, gloria tua, majestas tua? Noli quærere, extasim passus est.* «Onde está, Deus, a tua glória, a tua majestade? Não perguntes: sofreu um êxtase.» (Sermão sobre a Transfiguração.)

[15] *O gratiam! o amoris vim! ita-ne summus omnium imus factus est omnium? Quis hoc fecit? Amor, dignitatis nescius. Triumphat de Deo amor. Semetipsum exinanivit ut scias amoris fuisse, quod altitudo adæquata est.* (Sermões LXIV e LXXXIV sobre o *Cântico*.)

Revision #1
Created 23 November 2026 23:45:34 by Admin
Updated 23 November 2026 23:45:34 by Admin